

SOBREVIVER É APENAS O COMEÇO

KUROBOO

— O DESPERTAR —

Um sistema
desconhecido.
Uma cidade em caos.
E ele no meio disso.

TERESINA - PI

-5.0892*
-42.8919*



FRANCÍLIO RODRIGUES

Kurod0

O Despertar

Livro 1

Francílio Rodrigues

Copyright © 2026 Francílio Rodrigues

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, por qualquer meio, sem autorização prévia e por escrito do autor, exceto em citações breves para resenhas e crítica.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, instituições e acontecimentos são produto da imaginação do autor ou usados de forma ficcional. Lugares reais aparecem apenas como cenário. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com fatos reais é mera coincidência.

Capa: Francílio Rodrigues

Revisão: Daniel Coutinho e Lourival Ramos

1ª edição, 2026

Sumário

Antes de começar	i
Capítulo 1 — O último dia normal	1
Capítulo 2 — O preço de um erro	12
Capítulo 3 — Matar ou Morrer	22
Capítulo 4 — O mundo não vai voltar	36
Capítulo 5 — O preço de um desvio	49
Capítulo 6 — Não olhe para trás	62
Capítulo 7 — O perigo que não aparece na tela	76
Capítulo 8 — O que Clara ouviu	90
Capítulo 9 — Primeiro, Minha Família	100
Capítulo 10 — O que está atrás do portão	111
Capítulo 11 — As luzes da morte	124
Capítulo 12 — Do outro lado da porta	137
Capítulo 13 — A decisão	149
Capítulo 14 — Uma passagem, por favor	159
Capítulo 15 — Dois compromissos	174
Capítulo 16 — O endereço	187
Capítulo 17 — Presas na escuridão	203
Capítulo 18 — Experiência não vale uma vida	217
Capítulo 19 — O nome que não deveria ser chamado	234
Capítulo 20 — O preço de um nome	250
Capítulo 21 — O carro	279
Capítulo 22 — Um treinamento de poucos minutos	301
Capítulo 23 — A aproximação	321
Capítulo 24 — O malho e o vento	335
Capítulo 25 — A tentativa de comunicação	354
Capítulo 26 — A segunda incursão	368
Capítulo 27 — O caminho de volta	376
Capítulo 28 — O cerco	388
A história continua	404
Sobre o autor	405

Antes de começar

Este livro se passa em Teresina, no Piauí, onde o calor já é um teste de resistência antes de qualquer monstro aparecer. Num dia de setembro, sem aviso, o mundo ganha uma camada nova: portais, criaturas e um Sistema que distribui níveis, classes e títulos sem entregar manual de instruções.

Francisco, o Chico, não foi escolhido nem profetizado. É um pai de família com uma filha pequena, uma mulher que manda nele com toda a razão e o costume de resolver tudo na base da gambiarra. Quando o Sistema chega, ele faz o que sempre fez: tenta entender as regras para achar a brecha.

Se você lê manhwa, joga RPG ou já ficou acordado até tarde subindo de nível num jogo, vai reconhecer muita coisa aqui. Se não, não se preocupe: os personagens também estão aprendendo.

Duas notas para a leitura. As mensagens do Sistema aparecem entre colchetes, assim:

[SISTEMA] Leitor identificado. Boa leitura.

E as falas seguem o jeito de falar daqui, com "tu", "tô" e tudo o mais. Não é erro de revisão. É sotaque.

E, se tiver barulho, o papai resolve.

Capítulo 1 — O último dia normal

Era uma vez um homem que não acreditava em heróis.

O nome dele era Francisco. Quarenta e três anos, algumas contas atrasadas, uma família que amava e um talento raro para fazer o dinheiro sumir antes do dia vinte. Naquela quinta-feira à tarde, o carro ficou para trás na porta do centro espírita. Não tinha sido roubado. Tinha sido pior: o banco foi buscar ali mesmo.

Francisco ainda não sabia, mas aquele seria o último dia em que a maior preocupação dele seria dinheiro. 17 de setembro de 2026. Teresina, Piauí. Até as 17h11, a vida dele era só uma sequência de problemas comuns. Depois disso, nada mais seria comum.

17h08

O calor de Teresina atravessava o vidro do carro de aplicativo como se o ar-condicionado fosse só uma sugestão. Francisco voltava do centro espírita com Clara e Serena no banco de trás, os três espremidos de um jeito que ele preferia chamar de "aconchegante".

Serena, cinco anos, colava a testa na janela.

— *Pai, quando tu vai comprar outro carro?*

A pergunta era inocente, e por isso mesmo doeu um pouco mais. Francisco abriu a boca para inventar alguma coisa sobre carros serem ruins para o planeta, mas Clara foi mais rápida.

— *Filha, deixa o papai pensar nisso com calma.* — E, sem ninguém pedir, conferiu se a trava da porta do lado da menina estava abaixada. Clara conferia travas como outras pessoas conferem o celular.

— *Calma eu tenho* — disse Francisco. — *O que eu não tenho é crédito.*

Clara deu um tapinha na perna dele. Era o tapinha de "não na frente da criança".

Perto do Balão do São Cristóvão, o trânsito começou a frear. Primeiro, um carro. Depois, todos. Buzinas. Um homem atravessou a pista correndo, sem olhar para os lados, como quem foge de alguma coisa. Então o ar no meio do asfalto se rasgou.

Não havia outra palavra. Uma abertura escura, em forma de eclipse, apareceu a uns trinta metros do carro de aplicativo, soltando uma fumaça branca e rasteira, como gelo seco de festa de aniversário. De dentro dela saiu uma coisa. Na frente, um carro freou tarde e acertou a traseira de outro; atrás, mais duas batidas em sequência, lataria contra lataria, e o trânsito travou de vez.

Pequena. Magra. Pele verde-acinzentada, orelhas pontudas, dentes tortos. Na mão, uma faca enferrujada. Por um segundo, ninguém na rua entendeu o que estava vendo.

— *Que desgraça é aquela?!* — gritou o motorista.

— *TEM CRIANÇA NO CARRO, MOÇO!* — Francisco e Clara gritaram juntos, como se tivessem ensaiado.

Clara puxou Serena para o colo e cobriu a menina com o próprio corpo. Lá fora, a criatura apertou o cabo da faca, olhou em volta e escolheu. Escolheu o carro de aplicativo.

— *Meu Deus, o que eu faço?!* — O motorista olhava para a frente, para a criatura e para eles pelo retrovisor, sem conseguir decidir para qual dos três entrar em pânico primeiro.

Francisco sentiu o coração disparar. Ele não era policial. Não era soldado. Era um homem de quarenta e três anos que, até dez segundos antes, achava que o pior inimigo dele era o gerente do banco. Mas Serena estava no banco de trás. E aquela coisa estava vindo.

17h10min40s

Faltavam onze segundos. Francisco olhou para Clara. Para Serena, encolhida nos braços dela. Para a criatura, cada vez mais perto. Ele jogava RPG desde a adolescência, já tinha mestrado campanhas inteiras na mesa da cozinha, e sabia exatamente o que aquilo parecia. Também sabia a diferença entre um goblin na ficha e uma faca de verdade.

— *Fiquem aqui!*

— *Chico, NÃO!* — Clara agarrou o braço dele. Foi a única vez na vida em que ele foi mais rápido que ela.

Abriu a porta e desceu. O calor bateu no rosto como um bafo de forno. O barulho da rua sumiu, e no lugar ficou só o próprio coração, batendo nos ouvidos. Bateu a porta com força, para Clara não ter ideias.

— *EI! DESGRAÇA! É COMIGO!*

A criatura parou. De perto era pior. Baixa, com os braços compridos demais para o corpo, a pele verde-acinzentada coberta de poeira e os olhos amarelos fixos nele. A boca se abriu num arreganho que, num dia muito otimista, poderia passar por sorriso. Chico ergueu os braços e começou a andar de costas, para longe do carro de aplicativo.

— *Vem. Vem pra cá. Isso. Olha o tio aqui.*

O goblin inclinou a cabeça. Por um instante, Chico teve esperança: talvez a coisa não entendesse português, mas entendesse gente fazendo papel de idiota no meio da rua. Então o goblin correu. Não correu como uma pessoa. Correu baixo, o corpo inclinado para a frente, a faca colada na perna. Chico tentou recuar mais rápido, o calcanhar encontrou o meio-fio e ele caiu sentado no asfalto, com toda a dignidade de um saco de cimento.

— *Ah, que merda!*

Dentro do carro, Serena começou a chorar. Clara gritava o nome dele. O motorista tentava engatar a marcha com as mãos tremendo tanto que errou a primeira tentativa. Chico apoiou a mão no chão.

17h10min52s.

O goblin ergueu a faca. E Chico entendeu que talvez tivesse acabado de cometer o primeiro erro fatal da vida dele. O cérebro de Chico, que nunca colaborou em prova nenhuma, resolveu colaborar naquela hora. Goblin. Pequeno, agressivo. Todo bicho com duas pernas tem um ponto fraco no meio delas. Não era um plano brilhante. Era o único plano.

Quando o goblin desceu a faca, Chico apoiou um pé no chão e chutou com o outro, com toda a força de um homem que não fazia academia desde 2019. Acertou bem no lugar. O goblin soltou um guincho agudo, quase de apito, e a faca passou raspando pelo ombro de Chico, rasgando a camisa e abrindo um corte fino na pele.

— *FUNCIONOU!* — escapou, mais de espanto que de coragem.

O goblin recuou, curvado, com as duas mãos entre as pernas. Pelo jeito, aquela espécie também conhecia a dor e não tinha gostado nem um pouco de conhecer. Chico se arrastou para trás no asfalto. Tinha ganhado uns segundos. Não uma luta. Atrás dele, o motorista enfim engatou a marcha, mas não havia espaço para sair. A porta traseira do carro de aplicativo se abriu uns centímetros.

— *CHICO, VOLTA PRA CÁ!*

O goblin virou a cabeça na direção da voz de Clara. E Chico viu o pior acontecer em câmera lenta: se a criatura desistisse dele, a família voltava a ser o alvo.

17h10min55s

— *Clara, FECHA A PORTA! NÃO SAI DO CARRO!*

Ela congelou com a mão na maçaneta. Queria puxar o marido para dentro. Queria fazer alguma coisa, qualquer coisa. Mas Clara era a pessoa mais cuidadosa que Chico conhecia, e o olhar dele dizia o óbvio: a coisa mais cuidadosa a fazer era proteger Serena.

— *Mãe* — Serena soluçou —, *o papai vai morrer?*

— *Não, meu amor. Fecha os olhos. Fica comigo.*

Clara fechou a porta, abaixou a trava e se jogou por cima da filha.

— *Isso!* — Chico gritou para o goblin. — *Sou eu que tu quer, não é?!*

Não fazia ideia se o bicho entendia português. Mas ele voltou a olhar. E voltou a andar.

Chico tentou se levantar. O joelho escorregou na poeira, e ele precisou de uma segunda tentativa, que também não foi bonita. Recuou um passo. Dois. No terceiro, as costas bateram na lateral de um carro estacionado.

Acabou. Eu não sei lutar. Não tenho arma. Não tenho nada.

— *ABAIXA!* — berrou o motorista.

Chico se jogou para o lado. O motorista do carro de aplicativo arrancou num solavanco, raspou num carro vizinho e passou com a traseira a um palmo do goblin, que teve de girar o corpo para não ser atingido.

— *CHICO!* — a voz de Clara saiu pela janela e foi ficando para trás.

Por um segundo, Chico pensou em correr atrás deles. Foi quando percebeu que o goblin não olhava mais para ele. Olhava para o carro de aplicativo. E Serena estava lá dentro. O goblin dobrou as pernas para correr. Chico agarrou a primeira coisa que encontrou no chão, um pedaço de madeira arrancado de algum caixote, e bateu com ela na lataria do carro estacionado.

— *EI! EU AINDA TÔ AQUI!*

O estrondo ecoou pela rua. O goblin virou a cabeça. Os dois se encararam.

17h11min00s

O mundo parou.

Não foi impressão, tontura ou efeito da pancada. O mundo parou de verdade. Uma gota de suor ficou suspensa no ar diante do rosto de Chico. Um caco de vidro, lançado por alguma batida, congelou a poucos centímetros do chão. O goblin ficou inclinado para a frente, a faca apontada para o peito dele. O som desapareceu. E na frente dos olhos de Chico surgiu uma janela de texto.

[SISTEMA GLOBAL INICIALIZADO]

[Iniciando processo de despertar]

[Analisando indivíduo...]

[Despertar concluído]

[Identidade reconhecida: Kurod0]

[Raça: Humano] [Classe: Inventor] [Nível: 1]

Chico piscou.

— *Kurod0?*

Era o apelido dele nos jogos. Fazia anos que usava aquele nome. Não estava em documento nenhum, não estava no banco, não estava nem no cadastro do aplicativo de chamadas. E, até onde ele sabia, não devia estar registrado em nada capaz de produzir uma janela flutuante no meio do ar.

Que porra é essa?

O goblin continuava suspenso a um palmo dele. Chico teve a estranha certeza de que, quando o tempo voltasse, ia ter menos de um segundo para fazer alguma coisa. Se isso é um sistema de RPG, tem que ter alguma coisa que eu possa usar. A janela respondeu ao pensamento.

[INTERFACE DO DESPERTAR]

Status · Habilidades · Inventário · Registro de eventos

Nenhuma habilidade ativa disponível.

— *Como assim, nenhuma?! Inventor! Se eu sou um inventor, cadê minhas ferramentas? Uma chave inglesa? Uma pistola de pregos? Um alicate, pelo amor de Deus?!*

Ele abriu Habilidades.

[CARACTERÍSTICA ESPECIAL] Mestre das Gambiarras. Estado: BLOQUEADA. Condição de ativação não atendida.

— *Bloqueada por quê?!*

Tentou selecionar. Nada. Tentou de novo. Nada. O Sistema não explicou, não deu dica e não pareceu nem um pouco preocupado com a faca parada na frente do peito dele. Ótimo. Ganhei um videogame que não vem com manual. E a pausa estava acabando. O tempo voltou. O goblin atacou.

Chico dobrou os joelhos e jogou o corpo para baixo, por baixo do braço armado. A faca cortou o ar onde a cabeça dele estivera e bateu na lataria do carro.

CLANG.

Funcionou, mas cobrou o preço. O joelho de Chico encontrou o asfalto com força, uma dor aguda subiu pela perna, e o pedaço de madeira escapou da mão e rolou até o meio-fio. Ele ficou ajoelhado, desarmado, ofegando. Mas vivo. No canto da visão, discreta como notificação de celular, piscou uma linha:

[REGISTRO DE COMBATE] Ação: esquiva improvisada. Resultado: golpe evitado. Nenhuma experiência concedida. Adaptação ao combate: 1%.

— *Ele tá anotando o que eu faço? E que diabo é adaptação?*

A ideia era absurda. Também era a primeira coisa útil que ele descobria desde que o mundo parou. Se o Sistema registrava ações, havia regras. E regra, Chico sabia ler. Desde que vivesse o suficiente para isso.

— *Não preciso derrotar essa coisa* — murmurou, levantando como dava. — *Só preciso continuar vivo.*

Cambaleou até o carro e deu a volta pela traseira, deixando a lataria entre os dois. O goblin veio atrás e golpeou o metal com raiva. A lâmina riscou a pintura de ponta a ponta.

— *Isso, desconta no carro dos outros* — disse Chico. — *Eu também não tenho carro, irmão. Somos dois.*

O goblin deu dois passos para a esquerda. Chico foi para a direita. A criatura parou. Chico parou. Ele tá tentando adivinhar para onde eu vou. A conclusão durou pouco. O goblin subiu no meio-fio, apoiou a mão no capô e saltou por cima do carro, caindo do outro lado com um baque seco, a dois metros dele. Não era um gênio. Mas também não era burro.

[REGISTRO DE COMBATE] Ação reconhecida: uso improvisado de cobertura. Nenhuma recompensa concedida. Adaptação ao combate: 2%.

Ele reconhece o que eu faço. Mas não me dá nada de graça.

Dessa vez Chico não fugiu. Esperou o goblin vir e chutou a lateral do joelho dele. Não foi um golpe técnico; foi um chute de quem joga futebol de domingo e perde. Mas acertou. A criatura perdeu o equilíbrio, e a faca passou longe do peito.

— *TOMA, DESGRAÇA!*

A comemoração durou menos de um segundo. O goblin girou, ainda torto, e a faca abriu um corte no antebraço esquerdo de Chico.

— *AI! FILHO DA MÃE!*

O sangue escorreu até os dedos. O goblin também mancava agora, mas continuava de pé, armado e com vontade. Enquanto ele tiver essa faca, qualquer segundo pode ser o último. A ideia seguinte era péssima, e Chico sabia disso. Quando o goblin estendeu o braço para atacar, ele se jogou para a frente e agarrou o pulso armado com as duas mãos.

Viraram uma briga de força no meio da rua. O goblin era menor que um homem, mas a força não combinava com o tamanho. Fedia a lixo e a bicho molhado. A faca oscilava entre os dois rostos.

— *LARGA ESSA MERDA!*

O goblin tentou morder. Os dentes passaram a um dedo da bochecha de Chico. O corte do antebraço ardeu, a pegada enfraqueceu, e a faca desceu. Chico desviou a lâmina com o próprio braço e sentiu o corte abrir mais.

— AAAH!

Mesmo assim não soltou. Os dois tropeçaram contra o carro, e Chico bateu o pulso da criatura na lataria. Uma vez. Duas. Na terceira, os dedos se abriram, e a faca caiu no asfalto. Chico a chutou para longe. Por um instante, achou que tinha virado a luta.

Então o goblin deu uma cabeçada no rosto dele. A visão piscou branco. Chico cambaleou para trás com gosto de sangue na boca. Isso não é jogo. Não tem botão de reiniciar. O goblin baixou o corpo. Sem faca, ia tentar agarrá-lo. Chico esperou. As pernas curtas vieram rápidas, os braços abertos. No último instante, ele deu um passo para o lado.

TUM.

O goblin bateu de cara na lateral do carro, que balançou inteiro, e caiu atordoado no chão.

[DANO CAUSADO]

— *De quanto?* — Chico perguntou para o nada. O nada não respondeu. — *Tá. Então carro também dá dano. Anotado.*

Ele não precisava ser mais forte. Precisava pensar como alguém que conhece as regras de um jogo. Olhou em volta. A faca estava longe, e o goblin também tinha visto. Mas, perto da roda do carro, havia um pedaço de metal solto, uma barra curta, parte de alguma peça que se soltara numa batida. Chico se abaixou com o joelho reclamando e a pegou.

Não era uma arma de verdade. Naquele momento, era a melhor coisa do mundo. O goblin se levantou rosnando e veio de novo para agarrar. Chico firmou os pés, esperou o último instante e girou a barra no lado da cabeça dele.

CLANG.

O goblin cambaleou. Chico ficou parado um segundo, mais surpreso que a criatura.

— *Eu acertei.*

[Adaptação ao combate: 3%]

— *Três. Pelo menos alguém tá contando os meus pontos.*

Não houve tempo de comemorar. O goblin voltou, e dessa vez Chico não mirou na cabeça. Desceu a barra na perna já machucada.

TANG.

A perna dobrou, e a criatura caiu de lado.

[ALVO DERRUBADO] Adaptação ao combate: 4%

— *Não preciso matar de primeira* — Chico disse, mais para convencer o próprio joelho do que qualquer outra coisa.

O goblin se ergueu e avançou de novo. Chico repetiu o truque: esperou, saiu da frente no último instante e, dessa vez, agarrou o ombro da criatura e usou o próprio peso para empurrá-la contra o carro.

BANG.

O goblin bateu de costas na lataria e caiu.

[MANOBRA IMPROVISADA] Eficiência Excelente. Adaptação ao Combate: 5%

— *Excelente* — Chico repetiu, ofegante. — *Primeira vez na vida que alguém me dá nota excelente em educação física.*

O goblin se levantou mais devagar. Uma das pernas tremia. A faca continuava caída a poucos metros, e a rua estava aberta para os lados. Chico podia simplesmente correr. Não correu. Ficou

parado com a barra erguida e fez a coisa mais estranha que alguém pode fazer diante de um monstro: prestou atenção.

O goblin apoiava o peso na perna direita. Antes de atacar, sempre olhava para Chico, depois para a barra, depois para os lados. Chico deu um passo para a esquerda; a cabeça da criatura acompanhou. Deu outro; acompanhou de novo.

— *Tu também tá pensando, né?* — Chico sorriu de leve. — *Então somos dois. Só que eu estudei pra isso. Vinte anos de RPG, meu filho.*

[ANÁLISE DE COMPORTAMENTO CONCLUÍDA] [Padrão de ataque identificado: goblin]

— *Ei, eu nem fiz nada!*

[OBSERVAÇÃO É UMA AÇÃO]

Chico ficou em silêncio. Não tinha ganhado uma habilidade nem subido de nível. Tinha simplesmente aprendido. Quando o goblin avançou, ele viu o golpe antes de o golpe existir. Recuou meio passo, e a garra passou pelo vazio. Antes que o braço voltasse, Chico girou a barra com tudo no peito da criatura.

TUM.

O goblin caiu de costas no asfalto e, dessa vez, não se levantou.

[ATAQUE CONFIRMADO] Adaptação ao Combate: 6%

Chico ergueu a barra para mais um golpe, por garantia, e parou no meio do movimento. O corpo do goblin estava brilhando. Pontinhos de luz, fracos como vaga-lumes, começaram a correr por baixo da pele verde-acinzentada, todos na mesma direção: para a barriga. Chico recuou um passo.

— *Sistema, o que é isso?*

Nada.

— *Sistema, identificar fenômeno.*

[COMANDO NÃO RECONHECIDO.]

— *Como assim? Identificar fenômeno!*

[COMANDO NÃO RECONHECIDO.]

— *Então tu não sabe* — Chico estreitou os olhos. — *Ou não quer me contar. Os dois são péssimos.*

Os pontos foram se juntando debaixo das costelas até virar um brilho só, azul, forte o bastante para atravessar a pele e pintar o asfalto em volta. Pelo rasgo que a pancada no peito tinha aberto, dava para ver alguma coisa endurecendo lá dentro, como gota de resina virando pedra.

— *Isso aí eu definitivamente não vi no livro do jogador.*

TEC.

Um estalo seco, de vidro esfriando. Então o brilho se desfez em fiapos. Parte da luz subiu do corpo, veio direto no peito de Chico, morna, e sumiu dentro dele como se sempre tivesse sabido o caminho.

[NÍVEL 1] XP: 50 / 300

Sem explicação, sem parabéns, sem trilha sonora. Chico sorriu de canto.

— *Cinquenta de XP. Então é assim que vai ser.*

O resto da luz ficou lá embaixo, encolhendo, até sobrar só uma pulsação azulada no rasgo da barriga. Foi aí que ele viu: uma pedrinha escura, do tamanho de uma bolinha de gude, meio para fora da carne, com a luz batendo lá dentro cada vez mais devagar, como coração de bicho que está indo embora.

[OBJETO DETECTADO] Identificação: indisponível

Chico se abaixou, estendeu a mão e parou a dois dedos dela. Se tinha aprendido alguma coisa naquela luta, era que não entender uma coisa não era motivo para encostar nela. Clara ficaria orgulhosa. Ou com raiva por ele ter pensado em encostar. Provavelmente as duas coisas.

Em vez da pedra, examinou o resto. Perto do corpo havia trapos de tecido e um objetinho de madeira sem sentido nenhum. Embaixo do goblin, meio escondida, uma bolsinha de couro. Chico a puxou com a ponta da barra e a abriu. Três pedras opacas, sem brilho nenhum, bem diferentes da azul. Pegou uma. Nada. Outra. Nada. A terceira também não fez coisa nenhuma. O Sistema continuou calado, como quem diz "te vira".

— *Claro. Eu que vou ter que descobrir.* — Olhou das três pedras para a azul. — *Talvez não seja o bicho que solta tudo isso. Talvez algumas já estivessem com ele.*

Guardou as três pedras opacas na bolsinha e prendeu na cintura. A azul ele deixou onde estava. Primeiro ia entender o que era aquilo. Depois, talvez, encostaria. A rua não estava mais em silêncio. Longe, alguém gritou. Depois outro grito. E então veio um rugido. Chico levantou a cabeça devagar. Talvez aquele goblin não fosse o único problema daquela tarde.

O rugido veio de novo, mais perto. Chico não sabia o que estava vindo, mas já tinha aprendido uma regra: não se fica parado no meio da rua. Correu, mancando, para trás do carro e se agachou junto da lateral, com só metade do rosto para fora. Fez o inventário de cabeça. A faca, no chão, a uns dez metros. A bolsinha com as três pedras, na cintura. A pedra azul, lá atrás. A barra, na mão.

TOC.

Alguma coisa caiu no teto de um carro estacionado. Chico congelou.

TOC.

Outro passo. Uma sombra passou por cima do muro.

[AMEAÇA DETECTADA] Distância: 18 metros. Classificação: desconhecida

— *Desconhecida?* — Chico sussurrou. — *Tu também não sabe? Que Sistema é esse que não sabe de nada?*

Respirou fundo e fez o que fazia nas mesas de RPG quando o grupo ia morrer: olhou o mapa. Carros. Muro. Calçada. Um poste. Um corredor estreito entre dois prédios. Rotas de fuga, pontos de cobertura, coisas que serviam de arma. Sem perceber, estava lendo a rua como um tabuleiro.

A sombra apareceu de novo. Dessa vez, Chico viu um pedaço da criatura. Era maior que o goblin. Muito maior. Ela parou no meio da rua. Chico não se mexeu. A coisa também não.

[Adaptação ao combate: 7%]

Chico engoliu seco. O Sistema não estava medindo só os golpes dele. Estava medindo se ele sabia sobreviver. Olhou para a faca. Dez metros. Olhou para a criatura. Dezoito.

— *Se eu vou continuar vivo, preciso daquela faca.*

Saiu de trás do carro. Um passo. Dois. Então correu. A criatura virou a cabeça na hora.

— *Merda, merda, merda!*

Dez metros. Cinco. Chico se jogou para a frente, os dedos fecharam no cabo da faca, e ele rolou pelo asfalto com um gemido que não tinha nada de heróico.

THUMP.

Atrás dele, a criatura começou a correr. Chico se levantou com a faca na direita e a barra na esquerda. Duas armas. Dois braços. Experiência de verdade, nenhuma. E finalmente viu a coisa direito.

Era um goblin. Mas não como o primeiro. Mais alto, de ombros largos e braços grossos, os dentes manchados de alguma coisa escura. Segurava com as duas mãos um pedaço de madeira que parecia ter sido arrancado de uma cerca.

[ANÁLISE PARCIAL] Raça: goblin. Variante: não identificada. Nível: não identificado

— *Variante?* — Chico apertou a faca. — *Tem DLC?*

O primeiro goblin era perigoso. Aquele parecia capaz de quebrar os ossos dele com um golpe só. Pela primeira vez, Chico entendeu que ter uma arma não era a mesma coisa que estar seguro. Abriu o status, mais para ter onde olhar do que por esperança.

[Kurod0] Nível 1. 50 / 300 XP. PV 28 / 36 · Mana 50 / 50. Condição: joelho dolorido, cortes no ombro e no antebraço, exaustão crescente. Equipamento: barra metálica curta, faca enferrujada, bolsa com 3 pedras opacas. Adaptação ao combate: 8%

— Vinte e oito de trinta e seis — murmurou. — Tô no amarelo.

O goblin grande ergueu a madeira. Chico reconheceu o movimento: golpe de cima para baixo, brutal, igual ao do primeiro. Mas havia uma diferença. O primeiro estava desesperado. Esse estava confiante.

— *Calma... calma...* — Chico disse, sem saber se falava com o monstro ou consigo mesmo.

GRRRAAAH!

O grito arrepiou a nuca dele. Não havia polícia a caminho, nem Exército, nem ninguém. Clara e Serena estavam longe, num carro de aplicativo que ele não sabia para onde tinha ido. E ele não sabia se iria sobreviver aos próximos dez segundos.

Três coisas passaram pela cabeça dele quase ao mesmo tempo. A faca era curta demais para manter distância. A barra tinha mais alcance, mas precisava de espaço para girar. E o carro, que tinha salvado a vida dele contra o primeiro goblin, podia prendê-lo se ele errasse.

O golpe veio de cima. Chico não tentou aparar; não confiava nos próprios braços. Dobrou os joelhos doloridos e se jogou para o lado. A madeira passou zunindo onde estava a cabeça dele.

CRAAASH!

A madeira afundou a lataria do carro. O goblin grande rosnou e puxou a arma de volta.

— *Caramba! Tu quer destruir o carro inteiro?!* — A reclamação saiu antes que ele pensasse. O mundo estava acabando, havia monstros na rua, e ele preocupado com um carro que nem era dele. Concentra, Chico.

A madeira ficou presa na lataria amassada. Por um segundo, o goblin puxou, e ela não veio. Chico não precisava ganhar uma disputa de força. Precisava aproveitar o erro do outro. Recuou, mantendo o carro entre os dois.

[REGISTRO DE COMBATE] Esquiva concluída. Ataque inimigo falhou. Ambiente usado como cobertura. Adaptação ao combate: 9%

— *Nove por cento* — murmurou. — *Se chegar a cem, eu quero um certificado.*

O goblin arrancou a madeira da lataria e se virou. Não estava ferido. Só estava mais irritado. Segurava a arma com as duas mãos, e Chico percebeu o detalhe: com as duas mãos ocupadas, ele teria dificuldade para agarrar. Talvez eu consiga desarmar. Talvez faça ele bater no carro de novo. Talvez...

Um grito humano veio da rua vizinha, seguido do barulho de alguma coisa pesada tombando. O estômago de Chico apertou. Ele não podia ficar ali para sempre. O goblin contornou a frente do carro. Olhou para a faca na mão direita de Chico. Depois para a barra na esquerda. Então baixou o corpo. Dessa vez não viria por cima. Ia investir para derrubá-lo.

— *Ah, não* — Chico apertou os dentes. — *De agarrão eu já tô cheio por hoje.*

O goblin arrancou do lugar.

Capítulo 2 — O preço de um erro

O goblin grande veio baixo, a cabeça protegida atrás dos ombros, o porrete de madeira preparado para a investida. Chico firmou os pés e ergueu a barra com as duas mãos.

— *Vamos ver se essa porcaria aguenta.*

Não tentou acertar o goblin. Tentou acertar o porrete.

CLANG.

O impacto subiu pelos braços até os ombros, e os dedos formigaram. A barra quase escapou. O porrete nem rachou. O goblin puxou a arma de volta e, aproveitando o desequilíbrio de Chico, meteu o ombro no peito dele.

THUMP.

Chico voou de costas contra o carro, e o ar saiu inteiro dos pulmões de uma vez.

— *Ugh...*

A faca quase caiu da mão direita. O joelho machucado dobrou. *Eu queria desarmar ele. Não disputar queda de braço.*

[REGISTRO DE COMBATE] Tentativa de desarme: falhou. Colisão com o ambiente detectada. Equilíbrio: comprometido. Adaptação ao combate: 9%

— *Sério?! Tu registra tudo, menos como eu saio dessa?!*

O Sistema não respondeu. O goblin desceu o porrete, e Chico se jogou para o lado por puro instinto.

CRASH.

O vidro lateral do carro explodiu em mil pedacinhos. Chico caiu de joelhos, apoiou a mão esquerda no chão e sentiu um caco abrir a palma. Se aquele golpe tivesse pegado a cabeça dele, seria a última janela que ele ia ver na vida, e não seria a do Sistema.

Levantou-se usando o carro de apoio. Barra na esquerda, faca na direita, os dois braços começando a tremer. E a conclusão veio, doendo quase tanto quanto o peito: *eu ganhei do primeiro porque usei o ambiente. Não porque sei brigar.*

O primeiro goblin era menor e já estava machucado. Esse era maior, estava armado e nem parecia cansado. Ao longe, uma sirene começou a tocar. Ambulância, viatura ou só mais alguém tentando fugir; impossível saber.

Então o Sistema mostrou uma coisa diferente.

[ANÁLISE DE COMBATE — Padrão de ataque: goblin] O alvo concentra força nos golpes descendentes e nas investidas frontais. Depois de um golpe forte, há um breve intervalo de recuperação. Nenhuma habilidade concedida.

— *O intervalo...* — Chico repetiu.

Não precisava bloquear o próximo golpe. Precisava sobreviver a ele e agir na recuperação. Só que o espaço entre os carros era apertado, o chão estava coberto de vidro, e o joelho dele já não topava mudança de direção.

E, pela primeira vez naquela luta, Chico considerou a sério que sobreviver talvez significasse desistir de vencer.

Uma estocada não é um plano

— *Tá bom. Vem.*

O goblin veio. Chico esperou o porrete começar a descer, deu meio passo para o lado e entrou na distância curta em que a faca servia para alguma coisa. A madeira passou zunindo a um palmo do ombro.

Agora.

Enfiou a faca no tronco da criatura.

TCHAK.

Entrou, mas pouco. O couro grosso que o goblin usava por cima do corpo desviou boa parte. Mesmo assim, Chico sentiu a resistência ceder, e o goblin soltou um urro de dor e raiva. Respondeu com o antebraço, de lado.

TUM.

Chico foi jogado para trás, e a faca voou da mão dele, deslizou pelo asfalto e sumiu debaixo de um carro.

— *Ah, que maravilha. Claro. Porque uma coisa fácil seria pedir demais.*

O goblin recuou dois passos com a mão no ferimento. Havia sangue escuro entre os dedos dele.

[REGISTRO DE COMBATE] Ataque confirmado. Dano causado. Arma secundária perdida. Alvo: ferido. Adaptação ao combate: 10%

— *Tu conta a porcentagem até a casa decimal, mas não me diz quanto eu machuquei o bicho?*

Nenhuma resposta. Aquilo não era um treinador particular. Era um diário de bordo de um mecanismo cujas regras ele ainda não conhecia. O goblin baixou o corpo, protegendo o lado ferido. Estava machucado o bastante para hesitar. Só um instante, mas hesitou. Ao longe, outro grito, um estrondo, buzinas. A cidade inteira estava piorando, e Clara e Serena estavam em algum lugar dela, num carro de aplicativo que ele não sabia para onde tinha ido.

Eu não preciso provar que sou mais forte. Preciso sair vivo daqui.

A primeira armadilha

O goblin avançou arrastando os pés. Chico não precisava de força nem de velocidade. Precisava de uma oportunidade. Os olhos varreram a rua: dois carros estacionados colados um no outro, uma passagem estreita entre eles, cacos de vidro pelo chão.

— *Vem cá, grandão.*

Recuou para o corredor entre os carros, mancando um pouco mais do que precisava, com a barra caída, como quem já desistiu. O goblin rosnou e veio atrás, segurando o porrete com as duas mãos. *Se isso não funcionar, eu vou apanhar num lugar de onde nem dá pra correr.*

O goblin ergueu a arma. Chico fingiu ir pela esquerda, abaixou no último instante para a direita e, ao mesmo tempo, bateu a barra na parte de baixo do porrete.

CLANG.

O golpe saiu torto. O cotovelo do goblin bateu na lataria de um dos carros, e o porrete ficou preso entre o corpo dele e o metal.

— *Agora!*

Chico não mirou na cabeça nem inventou acrobacia. Encostou o ombro no peito do goblin e empurrou com todo o peso que tinha.

BANG.

A criatura bateu de costas no outro carro, o porrete voou para o fim do corredor, e o goblin caiu sentado em cima dos cacos de vidro, urrando. Chico também caiu, com o joelho ruim direto no asfalto, e a vista escureceu de dor.

— *AAAAI! Droga, droga, droga!*

Rolou para longe abraçando a perna. A armadilha tinha funcionado. Só não tinha saído de graça.

[REGISTRO DE COMBATE] Manobra improvisada executada. Ambiente usado com sucesso. Arma do alvo: derrubada. Alvo: desequilibrado. Adaptação ao combate: 12%

— *Doze por cento* — Chico ofegou. — *Então tu anota quando eu aprendo. Só não ensina, né? Professor desses eu tive na faculdade.*

O goblin já recuperava o equilíbrio, os olhos fixos nele, e esticou o braço na direção do porrete caído. Chico tinha poucos segundos. O joelho tremia, o peito doía para respirar, a mão esquerda sangrava. E, em algum lugar da cidade, Clara e Serena ainda não sabiam se ele estava vivo.

— *Nem pense nisso.*

Os dedos do goblin tocaram a madeira.

A primeira lição de Chico não foi como derrotar um monstro. Foi descobrir que uma boa ideia também machuca quem executa.

Sangue, suor e lágrimas

Não era bonito. Não era heróico. Mas o goblin estava no chão.

— *Fica aí, desgraça!*

Chico ergueu a barra com as duas mãos e desceu.

TANG.

Acertou a lateral da cabeça. O goblin soltou um grito rouco, largou o porrete e se contorceu no asfalto. Chico recuou, assustado com a própria força.

— *Meu Deus...*

Por uma fração de segundo, quis parar. Aquilo não era boneco de treino nem sprite numa tela. Era uma coisa viva, sangrando, que um minuto antes estava tentando quebrar a cabeça dele. Então o goblin começou a se levantar, e a dúvida foi embora junto.

[REGISTRO DE COMBATE] Ataque confirmado. Alvo: atordoado. Arma do alvo: abandonada. Adaptação ao combate: 13%

Não sentiu satisfação. Sentiu medo: do que tinha feito, do que ainda ia precisar fazer, e de aquilo voltar a ficar de pé. O goblin agora se arrastava para longe dele, e Chico não sabia se aquilo era fuga, fingimento ou só um bicho procurando posição melhor. O primeiro também tinha parecido acabado antes de começar a brilhar.

BANG. Um estampido seco em outra rua. Depois outro. Chico se abaixou por reflexo. Tiro? Contra monstro ou contra gente? O Sistema não disse nada.

— *Certo* — resmungou. — *Depois eu descubro o que tu quer de mim.*

Sobreviver também é uma escolha

O goblin estava atordoado, sem arma. Era a hora de terminar.

Chico olhou para o próprio joelho, que tremia. Para a palma aberta. Para a rua: gente correndo, uma buzina presa, fumaça subindo atrás dos prédios. *Eu não sei quantos desses existem por aqui. Se eu ficar, posso ganhar desse e morrer pro próximo.*

Não era heróico. Era lógica.

Recuou devagar, com a barra apontada para o goblin. Não foi atrás da faca debaixo do carro. O goblin tentou levantar, a perna cedeu, ele bateu na roda de um carro e urrou de novo. Chico aproveitou, virou e saiu mancando no passo mais rápido que o joelho permitia.

— *Vamos... vamos...*

Atrás dele, metal raspando no asfalto. Olhou por cima do ombro: o goblin tentava se erguer de novo. Não o perseguia, mas também não estava morto.

[REGISTRO DE EVENTO] Combate interrompido pelo usuário. Alvo hostil ainda ativo.
Distância de segurança: não confirmada.

— *Interrompido pelo usuário?* — Chico riu sem humor nenhum. — *Eu não sou usuário de coisa nenhuma! Eu nem aceitei os termos de uso!*

A cidade já não era a mesma. Depois de contornar dois carros abandonados, Chico chegou a uma esquina. A rua seguinte estava meio bloqueada por um ônibus atravessado. Algumas pessoas se escondiam atrás de uma banca fechada; outras corriam sem direção. Uma mulher apertava o celular no ouvido, chorando.

— *Não tá funcionando! Ninguém atende!*

Um homem passou correndo com o rosto coberto de sangue. Chico tentou perguntar o que tinha acontecido, e ele nem diminuiu o passo.

— *Tem uns monstros na avenida! Sai daqui!*

O primeiro goblin podia ter sido azar. O segundo já era padrão. Agora havia monstros em outras ruas, e Clara e Serena estavam em algum lugar no meio disso.

Tirou o celular do bolso com a mão boa. A tela estava entupida de notificações: vídeos tremidos de criaturas atacando carros, gente jurando que era pegadinha, gente jurando que era o fim do mundo. No meio de tudo, uma mensagem de Clara.

Antes que ele abrisse, veio um barulho de trás de uma fileira de carros.

TOC. TOC. TOC.

Passos. Uma sombra se mexeu entre os veículos. Não dava para saber se era o goblin grande ou coisa pior. Chico se encostou no ônibus, barra numa mão, celular na outra, e chamou baixo um homem ensanguentado que ajudava uma senhora a se levantar ali perto:

— *Ei! O senhor sabe por onde dá pra sair daqui?*

O homem olhou para a barra na mão dele, depois para a rua.

— *Sair? A avenida tá bloqueada! Eu vi uma coisa derrubar uma moto como se fosse de brinquedo!*

Um grito cortou a conversa. A sombra entre os carros sumiu. Tudo ficou quieto. O celular vibrou de novo na mão de Chico. Clara. A mensagem continuava sem ser lida.

Algo se mexe entre os carros

Chico inclinou o corpo e espiou pela fresta entre dois carros, sem largar a proteção do ônibus.

Era o goblin. Caído entre os veículos, o corpo escorado numa roda, o sangue escuro escorrendo da cabeça onde a barra tinha acertado. Uma mão arranhava o asfalto procurando apoio. O porrete estava longe, fora de alcance. Vivo, mas mal conseguindo se levantar.

E havia outra coisa: a porta de um sedã prata, alguns metros adiante, estava aberta, e de dentro vinha um som baixo e irregular. Respiração. Alguém estava escondido ali.

O goblin ergueu a cabeça, mostrou os dentes para Chico e tentou apoiar um joelho no chão. Chico olhou para ele, olhou para o sedã e escolheu.

— *Tem alguém aí?* — perguntou, chegando perto da porta, tentando manter a voz firme.

O vidro lateral tinha uma mancha escura. Entre o banco e o painel, encolhido, havia um garoto de uns dezesseis anos, pálido, com a mão tapando a própria boca para abafar o choro. Quando viu Chico, tentou falar e só conseguiu apontar para o banco de trás. Uma mulher caída. Sangue perto da testa.

— *Minha mãe* — o garoto sussurrou. — *Aquilo bateu no carro. Ela não acorda.*

Chico olhou bem. O peito dela subia e descia. Respirava. Quanto ao resto, ele não fazia ideia; era motorista de aplicativo, não paramédico. Atrás deles, um barulho metálico: o goblin tentava se arrastar para fora do vão entre os carros.

— *Escuta, garoto. Ela tá respirando. Não puxa ela pelo pescoço, não tenta levantar a cabeça dela. A gente precisa sair daqui e arrumar ajuda.*

— *Eu não vou deixar minha mãe!*

— *Eu não mandei tu deixar tua mãe.* — Saiu mais ríspido do que ele queria. Respirou fundo. — *Eu disse que a gente precisa de ajuda.*

Por um segundo, o garoto pareceu voltar a enxergar o mundo para além do próprio medo. Então um rugido rouco veio da rua. O goblin estava de joelhos, uma mão no chão, a outra procurando o porrete distante, e olhava de Chico para o carro. Não era esperto o bastante para um plano complicado. Mas entendia que havia presa ao alcance. E começou a se levantar.

Chico estava entre a criatura e duas pessoas feridas. Não sabia se a mulher estava mal. Não sabia quantos monstros havia na avenida. Não sabia se Clara e Serena estavam bem. Sabia uma coisa só: se ficasse muito tempo ali, alguém ia morrer.

O goblin ficou de pé, cambaleando, com a mão na cabeça ferida.

— *Tu não sabe a hora de ficar quieto, não, desgraça?*

O garoto o encarou como se ele tivesse enlouquecido.

— *O senhor... o senhor tá falando com o monstro?*

— *Não. Tô falando com a minha falta de sorte.*

Chico queria que tivesse sido engraçado. Não foi. Ele se colocou entre o goblin e o carro e precisou apoiar a mão na lataria para o joelho não ceder. O celular vibrou de novo. Dessa vez, ele abriu.

Clara: *Chico, onde tu tá? Pelo amor de Deus, responde!*

Clara: *Tem monstro por todo lado. O motorista conseguiu deixar a gente perto de uma loja, a gente tá escondida. Serena tá chorando muito. A porta tá trancada.*

Clara: *Eu te amo. Por favor, fica vivo.*

O barulho da rua sumiu por um segundo. A dor no peito, a mão sangrando, até o goblin ali na frente. *Elas estão vivas.*

Os dedos tremeram na tela.

Chico: *Também amo vocês. Tô vivo. Vou encontrar vocês. Fiquem aí e não saiam pra me procurar.*

Enviada. Chico guardou o celular e pensou, numa parte do cérebro que claramente não entendia a gravidade da situação, que ia dar quatro estrelas para aquele Motorista. Cinco não, porque o motorista tinha desligado o ar no meio do caminho.

— Certo — murmurou. — *Agora é só não morrer antes de cumprir a promessa.*

— Senhor... — chamou o garoto. — *Meu nome é Pedro.*

— *Prazer, Pedro. Péssima hora pra fazer amizade.*

Pedro não riu. Continuava olhando para a mãe.

— *O senhor consegue ajudar ela?*

Chico não era médico, não tinha remédio, não tinha habilidade de cura nenhuma, e o Sistema, que tinha anotado cada espirro dele até ali, estava caladíssimo.

— *Vou tentar. Mas tu vai fazer exatamente o que eu mandar.*

Pedro fez que sim. E o goblin rugiu.

GRRRAAAH!

A criatura se lançou para a frente. Chico ergueu a barra e soube na hora que não aguentava outra luta longa. Os braços tremiam, o joelho latejava, o peito ainda não tinha se recuperado. O goblin não precisava vencer bonito. Bastava acertar uma vez.

[REGISTRO DE SOBREVIVÊNCIA] Ferimentos acumulados: dor no peito, cortes nas mãos e nos braços, joelho comprometido, exaustão crescente. Evento detectado: interferência em situação de risco envolvendo terceiros. Nenhuma recompensa concedida.

— *Interferência? Eu nem fiz nada ainda!*

A janela sumiu.

— *Ah, vai se ferrar!*

— *Ele vai matar a gente!* — Pedro puxou a manga da camisa dele.

Chico não era herói. Nunca tinha se achado um. Não sabia se conseguia proteger nem a própria família, quanto mais duas pessoas que tinha conhecido havia um minuto. Mas também não conseguia virar as costas para um garoto pedindo socorro. O problema é que querer ajudar não é a mesma coisa que conseguir. E essa diferença ele precisava aprender antes que o mundo ensinasse do pior jeito.

O goblin guerreiro estava de pé de novo, com o porrete na mão. O colete de couro estava rasgado, e o sangue escuro escorria pela lateral do corpo. Para Chico, aquilo continuava sendo uma coisa capaz de rachar o crânio dele com um golpe.

O goblin virou a cabeça para o sedã. Para Pedro, curvado sobre a mãe no banco de trás.

— *Ei! Aqui!*

Chico bateu a barra na lataria de um carro.

CLANG.

O goblin parou. Chico bateu de novo.

— *É comigo, seu desgraçado!*

[REGISTRO DE EVENTO] Atrair atenção por provocação. Adaptação ao combate: 14%

Catorze. Nesse ritmo, com uns dez anos eu chego nos cem.

A criatura mostrou os dentes e mudou de direção. Funcionou. Por um segundo, Chico sentiu uma pontinha de orgulho. Então o goblin começou a correr.

— *Ah, merda!*

Chico disparou para o lado, mancando, por entre dois carros. Não tinha como ganhar uma corrida. O objetivo era outro: fazer o bicho seguir ele, para longe do sedã. Bateu a barra numa caminhonete enquanto passava, só para garantir que o goblin não esquecesse dele. Chegou numa moto caída, agarrou o guidão com a mão boa e a puxou atravessada na passagem, com o joelho gritando.

— *Anda... anda, droga!*

O goblin pulou por cima da roda traseira como se a moto nem estivesse ali. Pequeno, baixo, rápido, imprevisível. Inclinou o corpo e sorriu, se é que aquilo era sorriso: a cara de um predador que percebeu que a presa cansou. Chico recuou rápido demais, bateu as costas em outro carro, e o porrete veio de cima. Ele ergueu a barra para bloquear.

CRAAANG.

O impacto atravessou os braços e foi parar no peito. Chico caiu de joelhos. O golpe nem tinha pegado nele em cheio, e mesmo assim cobrou o preço.

— *Filho da...*

O porrete subiu de novo. Chico agarrou a primeira coisa ao alcance, uma sacola plástica presa embaixo da roda de um carro, e jogou na cara do goblin. Não machucou nada. Mas, por meio segundo, tapou os olhos dele. Foi o suficiente. Chico se jogou para o lado, e o porrete afundou a porta de um carro. Ele rolou no asfalto, sentiu o antebraço rasgar mais um pouco e se levantou apoiado no capô.

O goblin arrancou a sacola da cara, e Chico viu uma coisa de que não gostou nem um pouco: os olhos da criatura iam dele para a passagem bloqueada e daí para o sedã. Estava procurando o caminho de volta até Pedro.

— *Não. Não, não, não...* — Bateu a barra no carro. — *AQUI! Eu ainda tô aqui!*

O goblin hesitou. Um grito distante veio da avenida, e a cabeça dele virou para o som. Chico aproveitou e chutou uma lata de lixo de metal caída no meio-fio, que saiu rolando pela rua num barulho de fim de mundo. O goblin voltou a olhar para ele. E avançou.

Dessa vez não havia mais para onde fugir. Mas havia a porta aberta de um carro bem ao lado de Chico. A ideia era ruim, improvisada e provavelmente ia doer. Era a única. Ele se posicionou atrás da porta, segurando a barra com as duas mãos. O goblin veio. No último instante, Chico se jogou para o lado.

BAM.

O porrete acertou a porta aberta, e a madeira ficou presa entre a porta e a carroceria.

[REGISTRO DE EVENTO] Esquiva bem-sucedida. Adaptação ao combate: 15%

Quinze. E lá vamos nós.

Chico bateu por instinto. A barra pegou o ombro do goblin, que caiu de lado, e o porrete escorregou pelo asfalto para longe dos dois. Chico ergueu a barra de novo e parou. A criatura tentava se levantar com as pernas tremendo e um braço que não obedecia direito.

— *Fica aí...* — Chico ofegou. — *Só fica aí, pelo amor de Deus.*

Atrás dele, uma porta bateu.

— *Moço!* — gritou Pedro.

O garoto tinha conseguido sair do sedã e arrastava a mãe para longe do carro, o braço dela por cima dos ombros dele, um passo de cada vez.

— *Continua!* — Chico gritou. — *Vai pra trás daqueles carros! Não fica na rua!*

Pedro obedeceu, cambaleando, olhando para trás a cada passo, como se tivesse medo de que Chico sumisse antes que ele pudesse agradecer. O goblin conseguiu ficar de joelhos. Vivo. Ainda perigoso. E, no asfalto entre os dois, o porrete que podia devolver a vantagem para ele. A barra pesava o dobro nas mãos de Chico.

[REGISTRO DE SOBREVIVÊNCIA] Interferência em situação de risco envolvendo terceiros: objetivo imediato parcialmente alcançado. O indivíduo identificado como Pedro se afastou da zona de combate com outra pessoa. Adaptação ao combate: 16%. Nenhuma recompensa concedida.

— *Parcialmente?* — Chico murmurou. — *Tu tá de brincadeira comigo?*

O goblin rosnou. Estava a poucos metros, com um braço só funcionando e dificuldade para ficar de pé. Chico mal sustentava o próprio peso. Podia tentar acabar com aquilo. Ou podia aproveitar a distância e sumir antes que a luta cobrasse mais caro.

Ao longe, Pedro gritava por ajuda. Chico precisava decidir.

Gostou do começo?

O Chico mal sobreviveu ao primeiro dia, e Teresina ainda nem entendeu o que está acontecendo. O livro completo tem 28 capítulos de portais, goblins, orcs, gambiarras e um Sistema cheio de brechas.

Receba o seu exemplar em PDF ou EPUB,
personalizado com o seu nome.

Peça o seu no WhatsApp

wa.link/0igqak

Sobre o autor

Francílio Rodrigues é biólogo, pai, marido e aficionado por RPG de mesa, dos mais variados universos. Leitor de mangá, manhwa e comics, é um verdadeiro nerd da vida adulta. Mora em Teresina, Piauí e sabe bem o que Chico passou na obra.

Kurod0 — O Despertar é o seu primeiro livro.

- instagram: [instagram.com/franciliomkt](https://www.instagram.com/franciliomkt)
- e-mail: franciliosr@gmail.com

Sinopse

O apocalipse não veio com fogo ou meteoros. Veio com uma tela flutuante e um aviso de início de jogo.

Teresina, setembro de 2026. Sem qualquer aviso, portais interdimensionais se rompem pelo meio da capital piauiense. Das fendas, hordas de goblins, orcs e criaturas saídas dos piores pesadelos de fantasia tomam as ruas quentes da cidade. Junto com o caos, surge o Sistema: uma entidade invisível que passa a distribuir níveis, classes e habilidades para os poucos humanos que conseguem sobreviver ao primeiro impacto.

Francisco — mais conhecido como Chico — nunca foi um guerreiro. Ele é apenas um cara comum que passou a vida mestrando RPG, devorando mangás, manhwas e resolvendo os problemas do dia a dia na base da pura e velha gambiarra. Mas, em um mundo governado por regras rígidas de um jogo real, o Sistema parece recompensar justamente quem sabe pensar fora da caixa. Enquanto os outros tentam seguir o manual, Chico começa a caçar as brechas.

Abrigado em um hospital lotado de sobreviventes ao lado de sua esposa e de sua filha, ele percebe que o perigo vai muito além das hordas lá fora. Os monstros estão se organizando de forma inteligente. Alguém está marcando os alvos humanos. E uma silhueta sombria, que o próprio Sistema falha em identificar, observa cada movimento de seu grupo.

Em um mundo onde as leis da física foram substituídas por pontos de experiência, Chico descobrirá que subir de nível é a parte fácil. Difícil mesmo é manter quem ele ama vivo em um cenário onde ninguém explicou as regras do jogo.

Prepare sua ficha, explore os erros do Sistema e lute para sobreviver ao Despertar.